

A CONCEPÇÃO DA REENCARNAÇÃO NÃO É EXCLUSIVA DA COSMOVISÃO ESPÍRITA

Aldemario Araujo Castro
Advogado
Mestre em Direito
Procurador da Fazenda Nacional
Brasília, 7 de março de 2026

Escrevi um texto sobre o livro “Muitas vidas, muitos mestres”. A obra do doutor Brian Weiss detalha um inusitado caso de terapia de vidas passadas. Weiss também recebeu, por intermédio de sua paciente Catherine, mensagens de espíritos altamente desenvolvidos versando sobre caminhos para a sabedoria e “segredos” sobre a vida e a morte.

Recebi várias manifestações relacionadas com o texto referido. Uma delas foi especialmente interessante. Disse, um velho amigo, algo assim: “os espíritas têm uma certa ideia fixa em torno do tema da reencarnação. Não perdem uma oportunidade de afirmar a tal ‘pluralidade das existências’ ”.

Ponderei com o estimado amigo que a concepção da reencarnação não é exclusiva da cosmovisão espírita. Acrescentei que a ideia de uma só vida contínua ou linear, com começo, meio e fim, sustentada pelas duas maiores religiões da humanidade (catolicismo e islamismo), ofusca a noção da existência como um ciclo de mortes e renascimentos apresentada por antigas tradições, como em certos filósofos gregos (Pitágoras e Platão) e no hinduísmo.

Registre-se que o codificador do espiritismo, Allan Kardec, ponderou que: “O Espiritismo ensina poucas verdades absolutamente novas, ou mesmo nenhuma, em virtude do axioma — nada há de novo debaixo do Sol. Só as verdades eternas são absolutas; as que o Espiritismo prega, sendo fundadas sobre leis naturais, existiram de todos os tempos, pelo que encontraremos, em todas as épocas, esses germens que, mediante estudo mais completo e mais

atentas observações, conseguiram desenvolver. As verdades ensinadas pelo Espiritismo são antes consequências que descobertas” (Obra “O que é Espiritismo”).

Existem várias passagens bíblicas que permitem ver (ou entrever) a reencarnação. São elas:

“E se vocês quiserem aceitar, este é o Elias que havia de vir”. Fala de Jesus sobre João Batista (Mateus 11:14).

"Quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?". Pergunta feita a Jesus (João 9:2). Afinal, não seria possível pecar antes de nascer, salvo se fosse em uma vida passada.

"E perguntaram-lhe: 'Então, quem és? És tu Elias?' E ele disse: 'Não sou' ". Pergunta feita a João Batista (João 1:21).

“Em resposta, Jesus declarou: ‘Digo a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo’ ” (João 3:3).

“Não fiquem admirados com isto, pois está chegando a hora em que todos os que estiverem nos túmulos ouvirão a sua voz./e sairão; os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados” (João 5:28-29).

Portanto, não é de se estranhar que a ideia de reencarnação, inclusive nas formas de transmigração da alma e preexistência das almas, fosse adotada por segmentos do cristianismo primitivo e do judaísmo (através do misticismo da Cabala).

A inegável importância do tema foi confirmada pelas conclusões do Segundo Concílio de Constantinopla (553 d.c.). No âmbito do projeto político-religioso de Roma, conduzido pelo Imperador Justiniano I, buscou-se erradicar qualquer ideia de que a alma pudesse ter uma história "antes" do nascimento ou "múltiplas chances" fora do sistema da Igreja. O famoso Anátema I cumpriu esse objetivo.

O doutor Weiss, no livro aludido, registrou:

“Estudei os trabalhos de Ian Stevenson, um conceituado professor de psiquiatria da Universidade da Virgínia que publicou extensa literatura nessa área. Ele reuniu mais de 2 mil exemplos de crianças com recordações e experiências características de reencarnação. Muitas (...)

Existem bibliotecas repletas desse tipo de pesquisa e de literatura, mas poucas pessoas sabem disso. Muitas dessas pesquisas foram conduzidas, verificadas e reaplicadas por clínicos e cientistas de renome. Estariam todos errados ou iludidos? As evidências pareciam esmagadoramente comprobatórias, mas eu ainda duvidava. Esmagadoras ou não, achava difícil acreditar”.

O espiritismo busca explicações racionais para a reencarnação e sua inserção num conjunto harmônico de princípios que se sustentam mutuamente. Não se trata de aceitá-la como dogma, como argumento de autoridade ou como objeto de comprovação empírica, segundo métodos tradicionais (embora ao se enveredar por esse caminho foram produzidas fortes evidências, como mencionado).

A ideia de reencarnação se sustenta como a melhor e mais razoável explicação para: a) crianças prodígios que mostram aptidões fantásticas no campo das artes e no domínio de línguas desconhecidas nos seus contextos de

vida; b) evitar a “perda” de inteligências formadas ao longo da vida; c) superar uma espécie de “injustiça divina” com pouquíssimos gozando de uma de abundância e bilhões de pessoas experimentando toda sorte de carências, dores e tristezas e d) os milhares de relatos acerca de vidas passadas.

Ademais, a ideia de reencarnação se conecta e dá especial sentido à lei de causa e efeito. Afinal, a reencarnação amplia enormemente o campo de realização dos efeitos para atos positivos e negativos realizados em uma vida específica (as causas). Nessa linha, vale apontar a seguinte afirmação de Chico Xavier: “Já vivemos muitas vezes. Estamos com as pessoas certas para ajustarmos os nossos corações e solucionarmos os nossos problemas. Na reencarnação, ninguém erra de endereço”.

Vale registrar que não tenho certeza (absoluta) acerca da reencarnação como elemento efetivo da existência. Registro que é a explicação que faz mais sentido e se integra melhor com uma série de outras premissas, como a pluralidade dos mundos, a imortalidade da alma e a lei de causa e efeito.

Não custa lembrar Allan Kardec quando afirmou: “Convidamos os adversários do Espiritismo e os que não admitem a reencarnação a darem, dos problemas acima apresentados, uma solução mais lógica, por outro princípio qualquer que não seja o da pluralidade das existências” (Obra “O que é Espiritismo”).